

À DESCOBERTA DO ESGRAFITO EM ÉVORA¹

Sofia Salema

Os esgrafitos são uma manifestação exclusiva de certas regiões europeias onde aparecem com alguma regularidade e/ou exuberância. São famosos os esgrafitos renascentistas italianos (Roma, Florença, Pienza) assim como os de Praga, de Segóvia e de Barcelona.

Embora em Portugal se conheça pouco a dimensão da presença dos esgrafitos e o significado deste tipo de superfícies arquitectónicas, o esgrafito aparece em Évora nos finais do século XV e atinge o seu esplendor, como elemento de valorização do espaço urbano na decoração das fachadas, nos séculos XVIII e XIX.

¹ Apresentam-se neste texto alguns dos resultados do trabalho de investigação desenvolvido pela autora no âmbito do mestrado sob o tema "As Superfícies Arquitectónicas de Évora. O Esgrafito: contributos para a sua salvaguarda" apresentado em 2006 na Universidade de Évora. Alguns destes resultados foram publicados, noutras publicações, como por exemplo em Sofia Salema (2007).

Largo Luís de Camões



A cidade intramuros de Évora é um local privilegiado para conhecer as técnicas decorativas que utilizam argamassas de cal, como os trabalhos de massa, os estuques exteriores, também designados por "estucos"² e os esgrafitos.

A técnica do esgrafito

O esgrafito é uma técnica decorativa mural que recorre à incisão com um estilete metálico, ou outra ponta aguçada, para fazer as linhas de um ornato, removendo, posteriormente, a camada superficial da argamassa, enquanto está macia, de forma a mostrar a coloração da argamassa subjacente. O resultado é um expressivo jogo plástico de claro-escuro e de texturas (baixo-relevo) entre dois ou mais planos paralelos³.

No esgrafito o primeiro plano é, usualmente, de coloração branca e textura fina. No(s) plano(s) subjacente(s), utiliza-se uma argamassa com uma textura mais áspera e colorida. Embora se utilizem argamassas coloridas, cinzentas através da adição de carvão ou palha cozida, avermelhadas pela utilização de tijolo partido, ou amarelas/pardas pelo emprego de diferentes tipos de areia, a cor do esgrafito destaca-se, sobretudo, pelos efeitos de claro-escuro obtidos com as diferentes texturas e sombras.

² José Aguiar, refere que os estuques exteriores, ou "estucos" são uma técnica muito utilizada em Évora, sendo a Praça do Giraldo, digna de referência neste contexto. Os estuques exteriores são uma técnica que consiste "na aplicação, nas fachadas e paramentos exteriores, de pormenores decorativos feitos com argamassas de cal, de pó de pedra e de areia, muitas vezes pintados com cores contrastantes." (1999) p. 252.

³ Esta definição foi utilizada anteriormente por Sofia Salema, (2003) p. 194.



Identificação e características do esgrafito

A ausência de estudos específicos sobre os esgrafitos, associada à dificuldade em datá-los com segurança realçam os casos em que tal é possível permitindo, de algum modo, delinear um quadro da sua evolução. Existem registos de datas, em esgrafito, na Rua da Moeda (1826) e na Rua Manuel do Olival (1748), esta de desenho mais requintado. Há esgrafitos inseridos em obras datadas, como a fonte no Aqueduto da Água da Prata, em 1701 (embora o esgrafito tenha sido "reconstruído e pintado", podemos pressupor que a data já fosse um registo esgrafitado). Merece, igualmente, destaque o muito repintado esgrafito seiscentista (1673) da residência dos Bispos Inquisidores, perto da Sé. Aqui a datação surge ao centro de um friso, também esgrafitado, de motivo floral localizado sobre a verga de uma janela. Todo o edifício é decorado com um friso esgrafitado, na cimalha, com o mesmo motivo de *rinceaux*, que continua nos alçados no Largo Marquês de Marialva, este em pior estado de conservação. O friso é, no entanto, pontualmente interrompido por um outro tema, também, em esgrafito. Em toda a extensão do edifício são visíveis cunhais e guarnecimentos de vãos, simulando alvenaria, que, aparentemente, fazem parte do mesmo programa comunicacional dos finais do século XVII.

Em Évora os motivos decorativos utilizados nos esgrafitos são na sua maioria (87,5%)⁴ de temática vegetalista, recorrendo-se, também, em menor escala, a composições geométricas. São excepções o motivo figurativo (rostos humanos inscritos em círculos na Rua Miguel Bombarda) e os temas zoomórficos, de cavalos alados (no Palácio dos Condes de Soure e na Rua Gabriel Vítor do Monte Pereira) e de peixes que terminam em enrolamentos vegetalistas (na Rua dos Três Senhores), que assimilam, utilizam e reinterpretam os modelos eruditos. Outras composições de expressão popular utilizam, também, alguns símbolos ou formas de animais como os papagaios e as catatuas, presentes no friso esgrafitado



De cima para baixo: Rua do Menino Jesus 17; Rua Mendo Estevens 23; Rua do Cano 41-45; Rua de Fradique 7-9; Rua do Cicioso 31

⁴ Sofia Salema (2006) p. 89.

da Rua Mendo Estevens 33, os cães na Travessa das Donzelas, a cobra da Rua da Corredoura ou, ainda, a representação da vida e das tarefas no campo, na Praça do Sertório.

Um aspecto constante do esgrafito de exterior, em Évora, é ser utilizado como decoração numa concepção típica dos modelos de composição clássica da arquitectura, visível no emolduramento dos vãos e da fachada (soco, cimalha e pilastras). A regra de base consiste, normalmente, em aumentar a importância e o significado arquitectónico do edifício, enfatizando os vãos com ricas cornijas/cimalhas. Estes recursos têm, em síntese, o efeito de modificar a escala arquitectónica da fachada, fazendo-a parecer mais rica.

No âmbito deste conceito decorativo de moldura é perceptível uma variação dimensional dos esgrafitos ao longo dos tempos. Tal facto poderá não ser casual, pois nota-se o engrandecimento progressivo dos motivos ornamentais, talvez seguindo a tendência dos modelos reais que simulam. Pode-se observar este fenómeno quando se comparam os esgrafitos do século XIX, que abundam na cidade de Évora, com o existente no Paço dos Bispos Inquisidores, do século XVII, de dimensões mais reduzidas.

Existem excepções, designadamente o friso da Ermida de São Brás (fora do recinto fortificado), o friso de motivo *rincaux* do Palácio dos Condes de Basto, datado de meados do século XVI por Túlio Espanca, e os frisos esgrafitados, de motivo semelhante, existente na Rua Fria e no Largo Marquês de Marialva no Paço dos Bispos Inquisidores. Estas excepções poderão estar relacionadas com o facto de se tratarem de obras com referências a modelos mais eruditos, ou de esgrafitos refeitos em épocas mais recentes.

Contrariando o conceito decorativo de moldura, o edifício da Região de Turismo na Rua de Avis constitui a única excepção, com características decorativas do século XIX, uma concepção de multiplicação da superfície ornamental, à semelhança dos esgrafitos segovianos.



Rua da Corredoura 30



De cima para baixo: Rua dos Três Senhores 10; Rua Mendo Estevens 33-35;
Rua Gabriel Vitor do Monte Pereira 25

As técnicas e os materiais

Em Évora, os exemplos mais remotos, como a Ermida de São Brás e a Fonte da Rainha na Quinta da Amoreira da Torre, testemunham o uso da argamassa de cor acinzentada, descrita nos primeiros documentos sobre o esgrafito⁵. No entanto, o número de casos na cidade intramuros é muito reduzido. É provável que este tipo de decorações esgrafitadas, com o fundo escuro, fosse largamente superior aos quatro testemunhos que hoje se podem observar, devido à perda e renovação dessas superfícies. Acresce que o aspecto original de 80%⁶ dos esgrafitos visíveis está oculto, debaixo de camadas de pintura, não sendo, por vezes, perceptível o tipo ou coloração da argamassa de fundo. Dois destes casos encontram-se no Largo Luís de Camões, onde, num dos edifícios, a decoração esgrafitada revela qualidade do traço, complexidade do desenho, habilidade e destreza manual do executante e aptidão na aplicação das argamassas, visível na camada superficial, constituída por um barramento e na utilização da argamassa de fundo pigmentada. Estas características e o formulário decorativo utilizado, demonstram um conhecimento de modelos e técnicas eruditas, embora a temática seja simples e não recorra a elementos figurativos, frequentes em Barcelona e em Itália.

Paralelamente à utilização do esgrafito bicromático (branco e preto), o caso mais frequente em Évora é o do esgrafito que utiliza como fundo da decoração uma argamassa de cal, sem a adição de pigmento, cuja coloração é obtida pela selecção dos agregados (areias). A preferência pela utilização da cor de areia no fundo pode, talvez, encontrar justificação na origem desta técnica que, tal como outras técnicas de revestimento, surge da necessidade de imitar materiais mais nobres.

⁵ A primeira referência histórica escrita sobre a técnica de esgrafitar é de Giorgio Vasari (1511-1574) que descreve e confirma a sua utilização em Florença e em Roma, durante os séculos XV e XVI em a Vida dos Artistas (*Le Vite de' più eccellenti architetti, pittori, et scultori italiani*, título original). Trata-se de uma rica obra bibliográfica que ate hoje é considerada uma das maiores fontes de informação sobre a Renascença Italiana. A sua primeira publicação foi em 1550, sendo posteriormente revisada e ampliada em 1568.

⁶ Sofia Salema (2006) p. 89.

Existem inúmeras soluções desenvolvidas através da combinação do esgrafito com outras técnicas decorativas, como os trabalhos de massa ou de estuques exteriores que marcam as janelas e cimalthas de muitos edifícios em Évora. Nuns casos, os esgrafitos aparecem em paralelo com revestimentos fingindo alvenaria aparelhada, como na Sé de Évora, entre tantos outros mais simples, como os barramentos das ombreiras e vergas das janelas. Noutros casos, o esgrafito é utilizado em conjunto com a pintura mural num conceito global de decoração da fachada, como é o caso da Rua 5 de Outubro, recentemente restaurada.

Ao analisar os temas decorativos esgrafitados verificamos que há motivos que se repetem frequentemente, o que faz supor o uso de moldes ou cartões-base, a utilização dos mesmos modelos e/ou copia de desenhos já utilizados, muito embora possam existir pequenas variantes. Na Rua de Avis e na Travessa do Frágoso, na Rua do Cano e na Rua dos Torres, no Palácio dos Condes de Basto e na Rua Fria, no Largo dos Duques de Cadaval e na Ermida de São Braz ou no Palácio dos Condes de Soure e na Rua Gabriel Vítor do Monte Pereira é possível observar o mesmo motivo decorativo com algumas diferenças na restante gramática adoptada na fachada.

Por último, ao nível da execução do esgrafito, assinala-se com interesse a transposição entre os diferentes planos (ora verticais ora horizontais) com a manutenção da qualidade ao nível da técnica de execução do ornato no Palácio dos Condes de Basto. Quando se observa o modo como o motivo decorativo contorna as vergas das janelas, numa mudança perfeita de plano, percebe-se o domínio da arte de esgrafiar.

Uma caminhada pela cidade permite-nos constatar que a qualidade técnica nem sempre é proporcional à qualidade estilística ou à natureza do edifício. Encontram-se decorações esgrafitadas com qualidade técnica de execução em edifícios arquitectónicos menos importantes, como na Rua Mendo Estevens 23, e em edifícios de carácter popular, como na Rua Manuel do Olival, onde é perceptível uma datação de 1748 esgrafitada e uma cimaltha, de desenho muito cuidado. Noutros casos as decorações em esgrafito de expressão popular, nem sempre associadas a uma execução mais grosseira, surgem em edifícios com algum significado

arquitectónico, como por exemplo, na Praça do Sertório ou na Rua da Corredoura, num apontamento sobre o muro.



Largo Luís de Camões 16-18



Rua Vasco da Gama 18

A “subversão” da técnica

Uma das características que mais se salienta numa visita pela cidade intramuros de Évora, é o facto de ser difícil encontrar um esgrafito que não tenha sido pintado, isto é, que mantenha o aspecto original.

Na maioria dos casos os esgrafitos foram sujeitos a tantas acções de pintura que hoje é pouco perceptível a decoração da fachada, designadamente a qualidade dos rebocos que simulavam outros materiais mais nobres, o jogo cromático dos esgrafitos, a diferença entre o plano de fundo e o do ornato, os modos de dar mais ênfase à decoração e a qualidade do traço. Por exemplo no Largo do Marquês de Marialva, no antigo Paço dos Bispos Inquisidores, o friso de esgrafitos foi tantas vezes pintado que perdeu todo o relevo e os contornos do ornato. O mesmo friso, sob a cimalha, numa parte do edifício está pintado com o desenho a branco e fundo amarelo, noutra parte está pintado de modo inverso, isto é, fundo branco e motivo amarelo. Além da pintura, a alteração da cor de fundo para branco é uma subversão da técnica de esgrafitar, em que um fundo mais escuro dá relevo e volume ao ornato. Esta situação não é única. Existe um caso semelhante na Travessa do Fragoso e na Rua de Avis, onde o mesmo esgrafito foi pintado de amarelo (já esteve em cinzento) no fundo e branco no motivo e de modo inverso no edifício contíguo, que mantém a cor cinzenta.

Muitas destas acções de pintura deturpam e invertem a imagem do edifício e/ou do conjunto urbano e têm, por exemplo, transformado a cidade de Évora numa cidade tricromática (branca, ocre e cinzenta), desprezando toda a riqueza cromática anterior. Na Rua 5 de Outubro, em duas fachadas, recentemente objecto de intervenção, optou-se pela pintura total dos esgrafitos e dos fingidos de pedra, das cantarias dos vãos, subvertendo a técnica de esgrafitar e ignorando completamente os valores patrimoniais.

Face à dimensão deste fenómeno adulterador é urgente alterar esta "moda" de pintura dos esgrafitos e valorizar a autenticidade da matéria e, conseqüentemente, a técnica dos esgrafitos.



Largo Marquês de Marialva - pintura acrílica com alteração do esgrafito.



Rua 5 de Outubro 44 - antes e depois



Rua 5 de Outubro 42-44 - antes e depois



Centro Histórico de Évora com esgrafitos destacados por Sofia Salema

As superfícies arquitetónicas e a imagem urbana. O Esgrafito.

A cartografia das diversas fachadas com ornatos realizados com argamassa de cal, como esgrafitos, trabalhos de massa e/ou estuques exteriores (estucos), mais ou menos decoradas, permite-nos não só visualizar o número de exemplos, mas também, compreender a sua localização na topografia urbana. Com este registo/mapa podemos observar a incidência geográfica, ao longo da cidade das superfícies decoradas e constatar de que modo este tipo de decoração ultrapassa o conceito da ornamentação de um edifício e se transforma numa concepção urbana.

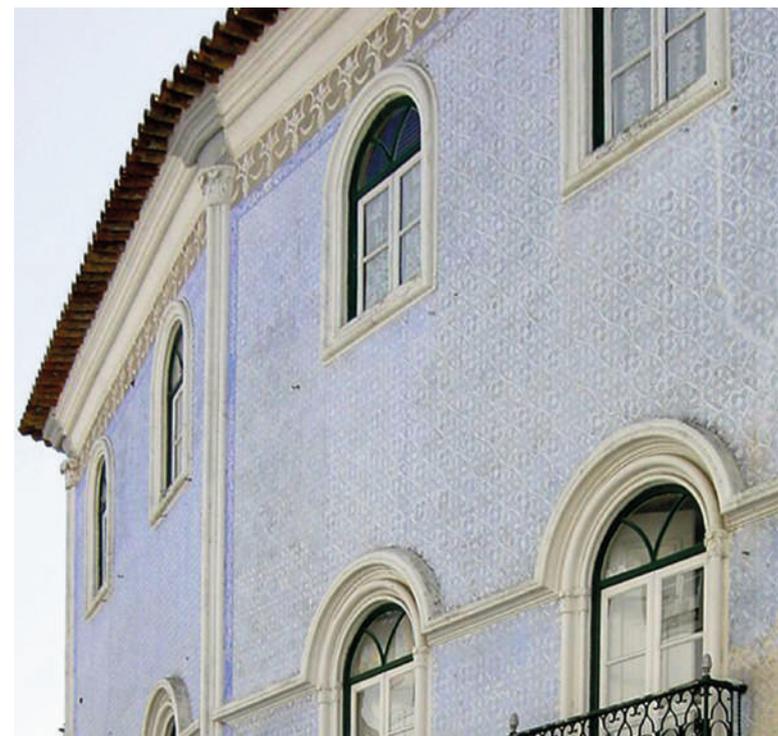
O mapa apresenta uma imagem desconhecida da cidade de Évora, na qual poucos são os lugares que não tem ou tiveram⁷ esta nota característica de decoração e de cor. As zonas onde este fenómeno é mais intenso aparecem nos eixos viários principais que mantêm, ainda hoje, a sua função de acessibilidade e de comércio. Partem da Praça do Giraldo, Rua 5 de Outubro, Rua da República, Rua do Raimundo e Rua Serpa Pinto, estendo-se até às Portas da Lagoa pela Rua João de Deus, Rua Elias Garcia e Rua Cândido dos Reis, ou até às portas de Moura pela Rua Miguel Bombarda. Existem outras ruas, também, decoradas como a Rua de Avis ou, com menor intensidade, as ruas que partem do largo das Portas de Moura.

A associação desta imagem cartográfica, com o facto de que a maioria dos esgrafitos serem contemporâneos com os conceitos estéticos e arquitetónicos do século XVIII e XIX, permite confirmar a utilização desta técnica decorativa durante o processo de grande transformação urbana, sofrido por Évora durante esse período⁸. De facto, a imagem medieval da cidade fica marcada pelas reformas do século XIX, período que corresponde à introdução do conceito de espaço público urbano.

⁷ Sofia Salema (2006) p. 89. Foram incluídos neste mapa os casos de superfícies pintadas ou esgrafitadas que foram cobertas com tinta desde que, ainda, seja visível um testemunho.

Neste sentido as fachadas dos edifícios sofrem grandes alterações, onde são introduzidos novos conceitos de apresentação estética. Esta cultura urbana opta pela gramática e pelas técnicas decorativas de épocas anteriores. Os fingidos, os esgrafitos, os "estucos", as pinturas e naturalmente a cor alteram a imagem da cidade.

⁸ A propósito da transformação da cidade de Évora durante o século XIX e XX veja Maria da Conceição Fernandes (1998) e (1997) p.67-76.



Rua de Avis 88-90

Quando se observa este mapa facilmente se compreende o aspecto deste fenómeno cultural urbano que vê, na decoração das fachadas, a transposição permanente do gosto, tipicamente romântico de valorizar o espaço urbano.



Rua 5 de Outubro 15-21

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José (1999). *Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos*, Bases para a sua aplicação à realidade portuguesa. Évora: Universidade de Évora. Tese de Doutoramento.

FERNANDES, Maria da Conceição L. A. (1997). Évora, memória e "restauros". In *Évora história e imaginário*. Évora: Ataegina, 1997, p. 67-76.

FERNANDES, Maria da Conceição L. A. (1998). *Os "restauros" e a memória da cidade de Évora (1836-1986)*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado.

SALEMA, Sofia (2003). A salvaguarda das superfícies arquitectónicas. O exemplo dos esgrafitos em Évora. In *3º Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*. Vol. 1. Lisboa: LNEC, p. 193-200.

SALEMA, Sofia (2006). *As superfícies arquitetónicas de Évora. O esgrafito: contributos para a sua salvaguarda*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico apresentada na Universidade de Évora.

SALEMA, Sofia (2007). O esgrafito em Évora. In *Monumentos*. Lisboa. N.º 26, Abril, p. 164-173.

SALEMA, Sofia (2012). *O corpus do esgrafito no Alentejo e a sua conservação: uma leitura sobre o ornamento na arquitetura*. Tese de Doutoramento em Arquitetura apresentada na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Técnica de Lisboa.